

**O ESPETÁCULO ADQUIRE NOVO RITMO E A HISTÓRIA JÁ É OUTRA:
AS MANIFESTAÇÕES TEATRAIS NA COLETIVIDADE
JUDAICA DO RIO GRANDE DO SUL 1930-1960**

IEDA GUTFREIND
UNISINOS - São Leopoldo/RS

A comunicação privilegia uma manifestação cultural da coletividade judaica no RS, o teatro em língua ídiche – TI - , de longa tradição europeia e elemento promotor de coesão identitária. Essa temática é um recorte de uma pesquisa que desenvolvemos, centrada nas imagens e representações construídas por membros desta etnia, ao longo dos anos em que foram cooptados para o projeto político de criação de um estado nacional judeu por sionistas forâneos e locais. Da *Criação do Estado de Israel: imagens e representações* omitimos no momento, as múltiplas inter-relações locais internacionais deste fenômeno étnico, político, ideológico, contempladas na pesquisa mais ampla.

As manifestações teatrais em língua ídiche representaram um elemento catalizador dos interesses identitários da comunidade judaica de Porto Alegre. Divulgadas em jornais locais e propagandeadas no interior da coletividade, as apresentações teatrais, sejam por parte de profissionais ou de amadores, no período a que a pesquisa se refere, lotavam o Teatro São Pedro, então o espaço cultural por excelência da capital do estado sulino, com capacidade aproximada para setecentos espectadores. Além das apresentações no Teatro, as instituições comunitárias de cunho social, como o Círculo Social Israelita, atualmente Hebraica, ou mesmo as sinagogas – espaços religiosos – eram cedidas para tais apresentações. O momento inicial da presença de judeus no RS, representado pela primeira e segunda gerações de imigrantes, quando dos espetáculos, capitalizava um grande número de membros da coletividade, como que amalgamando um interesse coletivo e tornando-se assunto obrigatório nos contatos sociais no período que os precedia e mesmo posteriormente. Com o passar do tempo, gradualmente diminuem os espectadores e escasseiam as companhias em visita a Porto Alegre e, inclusive, os espetáculos até então comuns, organizados por grupos amadores. Quando de seu apogeu, o teatro ídiche expressava a presença de uma população que ainda utilizava a *língua do ghetto*, na acepção dos hebraístas, que defendiam o uso do hebraico como a língua representativa dos judeus.

Lembremos que ao longo do tempo, com o desenvolvimento de idéias e programas para a criação de um estado judaico, dentre as várias discussões, uma delas capitalizava as atenções de muitos: a língua que seria adotada. Formaram-se grupos, sobressaindo-se os *idichistas* e os *hebraístas*, enquanto os primeiros defendiam a permanência desta língua e muitos com posições de esquerda mais radicais eram, inclusive, contrários à criação de um estado, o outro grupo cerrava

fileiras em defesa da língua hebraica, até então utilizada apenas liturgicamente. Vencedora essa, é evidente que concorreu para uma diminuição do interesse pelo ídiche.

Referir-se ao teatro ídiche em Porto Alegre e, por extensão, em cidades do interior do RS com população judaica, significa relembrar um passado ainda próximo mas que vem sofrendo profundas transformações. A imigração judaica, em específico a *askhenazim*, para o Rio Grande do Sul data do início do século XX, porém, com o desaparecimento das primeiras gerações vem desaparecendo a “língua da mamãe” ou a *mameloschen*, - o ídiche - a língua falada nos lares da comunidade judaica, até pouco tempo, conforme adiantamos acima.

O gradativo desinteresse pela atividade cultural identitária do TI, está a nos mostrar outros rumos tomados por esta coletividade, voltada para novos objetos e/ou que vai distanciando-se da língua matriz do judeu imigrante. Com o incremento do sionismo e a fundação do estado judeu, a tradição idichista diminuirá de importância e, desde então, foi através do hebraico que os judeus passaram a construir elos com o passado.

As temáticas e os enredos contidos nas peças teatrais, que os grupos de teatro amador local e as Companhias teatrais profissionais que se apresentavam em Porto Alegre e também em cidades do interior gaúcho vindas, principalmente, de Buenos Aires, em direção às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, nos permitem identificar e inferir momentos específicos das relações desta coletividade com o projeto de criação do estado judeu. Projeto este em andamento desde o final do século XIX, e avançando em sua concretude após o segundo conflito mundial.

Identificamos três momentos, que passamos a discorrer, não significando que cada um deles indique o término ou a exclusão do outro mas sim que características outras tomaram corpo, peculiarizando e sobressaindo-se às demais.

Considerando que as primeiras levas de judeus que vieram para o RS são oriundas da Europa Oriental e que não utilizavam as línguas dos locais de sua procedência, mas sim o ídiche para comunicarem-se entre si, ele correspondia aos *nós* de uma extensa rede comunitária étnica. Vindos inicialmente do Império Russo, o ídiche com pequenas variações permitia a aproximação e apresentava aspectos comuns que reforçavam uma identidade coletiva. Era o meio de comunicação em seu cotidiano, tanto no interior dos lares como em sua rede societária, o que nos leva a entender o porquê das manifestações culturais entre os imigrantes *askhenazim* e seus descendentes serem, inicialmente, expressadas nesta língua.

Afirmar que as manifestações teatrais em ídiche desapareceram do nosso meio seria radicalizar uma situação, pois, atualmente, ao nos aproximarmos das instituições da coletividade, nos deparamos com programações culturais alusivas a um passado comum, ainda marcado pela língua ídiche.

A permanência do ídiche, além de ocorrer em manifestações institucionais, igualmente acontece de forma independente. Exemplificamos com a presença de dois corais: o primeiro deles, funcionando junto ao grupo *Viva a Vida*, da Hebraica RS, formado há alguns anos, composto por pessoas da terceira idade. A seleção das músicas compõe um repertório do qual a maior parte das canções são as tradicionais do teatro ídiche; o outro, *Le Chaim*, composto por profissionais liberais, também guarda um espaço especial para estas canções e há ainda, o grupo familiar Rothemberg.

Poucas são as fontes sobre esta temática, raros são os folders que restaram ou qualquer tipo de material que nos auxilie nesta reconstrução, daí que os relatos orais nos foram de grande valia e recobrem a pesquisa, tendo passado pelo crivo crítico, com o concurso de alguns documentos impressos. Referências a manifestações culturais, em especial ao TI, são encontradas em livros escritos por membros da coletividade judaica sul-rio-grandense¹. Nestes, ao discorrerem sobre as antigas colônias agrícolas da ICA, ou sobre cidades do RS com população judaica ou mesmo a capital do Estado, nos informam que:

No grupo de colonos que vieram para Baronesa Clara² encontrava-se Ida Schukster Katz. Ela lembra que, na Europa, estavam acostumados a viver em grupo e que, na colônia, mais do que nunca, este costume foi mantido. Assim, tinham oportunidade de fazer vida cultural e organizaram o Clube Macabi que já existia na Lituânia, seu país de origem (...). Dentre as atividades do Clube, havia a representação de peças teatrais e leituras em conjunto... (Faermann, 1990 p.165)

O que vem reafirmar a transferência desta herança cultural judaica européia já praticada desde o início da vida destes imigrantes para o RS.

E finalmente, mesmo que nas primeiras décadas do século XX, ainda sendo a presença de imigrantes judeus em Porto Alegre menor que em cidades do interior, o Teatro São Pedro já se constituía em um local por excelência para tais manifestações, conforme nos informa a citação:

Em Porto Alegre, já pelos anos de 1914 -15 houve a apresentação de grupos amadores em *ídiche* e, pela leitura do artigo do Teatro São Pedro, pode-se constatar a frequência dos espetáculos, a ponto de ser considerado como o segundo em importância, no referente a línguas estrangeiras ali apresentadas. (Eizirik, 1986,p. 5)

O acervo de histórias de vida do Departamento de Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC)³, igualmente nos oferece múltiplas narrativas. Vários depoentes recordam suas participações, quer como amadores em peças de teatro em ídiche, colaboradores ou espectadores das companhias que se apresentavam em cidades do interior ou na capital do Estado. Ilustramos com as citações seguintes nas quais transparecem inclusive a preocupação com o ensino da língua ídiche pelos idos de 1950, 1960.

... Organizei um curso para ensinar *ídiche*... Todas as noites tinha aulas de *ídiche*... pois nós fizemos teatro... E, quando vinham para Porto Alegre artistas ídiche que precisavam auxílio, precisavam mais pessoas, a casa do Luiz Brochman era a casa dos artistas. Se vinha um artista ídiche, todos ficavam lá e ele, com todo o prazer, atendia a todos. E quando eles precisavam o auxílio de pessoas, nós, de

teatro, diversas vezes ajudávamos. Eu não sou artista profissional, mas eu dei de mim o máximo para ajudar um artista *ídiche* que precisava, às vezes, dez pessoas e vinham só três ou quatro... (ICJMC - Dpto Memória - Syncha Melon, 1987, entrevista n.106)

Além das obras dos *memorialistas étnicos* e de *histórias de vida*, valemo-nos do extenso artigo de Guilhermino César⁴ sobre as apresentações teatrais no Teatro São Pedro, durante o século XX. Esse material nos permitiu localizar no tempo as Companhias e os artistas *ídiche*s que se apresentavam nessa casa de espetáculos. Igualmente, pesquisamos em periódicos, em especial no *Correio do Povo*, diário porto-alegrense⁵ coletando notícias da próxima chegada e as programações previstas das companhias estrangeiras. Outra fonte que nos valem foram os *Diários* do Teatro São Pedro⁶ que apresentam observações sobre cada espetáculo que lá ocorreu. Do *Club de Cultura*⁷ tivemos um escasso material, embora neste local apresentações teatrais fossem comuns. Documentos que se constituíram em excelente material de pesquisa foram as dezoito entrevistas temáticas que realizamos com *pessoas-fonte*. Esse conjunto de recursos possibilitou a continuidade da nossa pesquisa, permitindo localizar a presença intensa do teatro *ídiche* profissional, especialmente em Porto Alegre, cujo apogeu ocorreu entre as décadas de 40 e 50, e também o interesse pela formação de grupos teatrais amadores neste mesmo período. Um depoente recorda que desde 1946, com o término do Estado Novo e da II Guerra Mundial, a situação brasileira mudara e, textualmete: *Começaram a chegar artistas ídiche e jornais puderam vir ao Brasil, até então proibidos...*⁸.

As Companhias de teatro *ídiche* profissional chegavam em Porto Alegre ou vindas de Buenos Aires, daqui dirigindo-se para outras capitais do país, ou retornando destas, em trânsito para a capital argentina. Nesse sentido, Porto Alegre beneficiou-se de sua proximidade com a área do Prata, especialmente com a Argentina, que acolheu uma população de origem judaica numericamente representativa, com destaque nas manifestações culturais judaicas e em geral⁹. Referindo-se às décadas de 40-50, Halpern confirma: *Naquele tempo tínhamos mais contato com Buenos Aires e Montevideu que com Rio e São Paulo...; além disso, a cultura judaica aí era muito mais desenvolvida...*¹⁰

O teatro *ídiche* profissional que vinha a Porto Alegre¹¹ causava grande entusiasmo na comunidade, e as instituições a ela ligadas, muitas vezes adquiriam entradas e as distribuíam a pessoas sem poder aquisitivo. Os ingressos eram comumente vendidos no *Salão Max* e no *Bar Seligman*, ambos no bairro Bom Fim, tradicional reduto judeu, outro tema de nosso estudo não abordado aqui. A *Hora Israelita*, programa radiofônico que igualmente tratamos em nossa pesquisa, segundo antigos diretores (Halpern e Segal), recebia os atores que utilizavam seu espaço para divulgar seus espetáculos. A imprensa anunciava as últimas apresentações já com preços populares e o prazer por este teatro é assim descrito:

...eu nunca faltei, sempre gostei, porque eu falo ídiche, escrevo e tudo... as pessoas da minha idade entendem (...) Tenho boas lembranças, artistas ótimos que vinham de Buenos Aires, artistas mundialmente conhecidos, como Henri Gerro, Rosita, a esposa dele, o Max Perelman, (...) Gallina... não me lembro muitos nomes, mas eu adorava! Não perdia uma... gostava muito!... Todo o teatro ídiche tinha o bom humor, tinha dramas, tinha de tudo e cantos muito bons.¹²

Cotejando os espetáculos e a literatura sobre TI, é possível identificar uma continuidade temática e a permanência do humor, das canções, das danças, dos dramas e das comédias. No entanto, algumas reorientações fizeram-se sentir: inicialmente, preponderava uma evocação do passado, lembranças do *Shtetl*, o prazer e/ou nostalgia de lembrar ou relembrar o que tinha sido a juventude em suas pequenas cidades ou vilas de origem, na Europa. Gradualmente, sem desaparecer o dramático, os espetáculos tipo “variedades”, as revistas musicais, impregnadas do humor judaico, algumas luxuosas, sucedem-se e são representadas no interior dos clubes, das sinagogas e dos teatros de Porto Alegre. Em seus enredos, situações insólitas criavam dramas, mas eram as canções e os bailados que coroavam o espetáculo, com nítida influência da ‘*Brodway*’. A movimentação em torno da criação do Estado de Israel reorienta a temática teatral: à função de integrar, divertir e moralizar agrega-se o papel educativo de construção de uma outra identidade para o judeu da Diáspora: havia que conscientizá-lo da necessidade e engajá-lo na proposta de criação de um Estado judeu. No palco dança-se, canta-se e, no meio do riso, vertem-se lágrimas por soldados que tombam “Nas estepes do Neguev”. Cria-se um clima de emoção no Teatro porque “Nasce uma bandeira” e se trava conhecimento no palco com “A moça de Tel-Aviv”, entre outras temáticas patrióticas, das peças teatrais referentes a esta nova realidade para o judeu disperso sobre o qual há um esforço internacional e local para engrossar a corrente sionista.

A primeira manifestação de teatro amador ídiche nos depoimentos que colhemos nos narra que: *Eu me lembro, era muito falado, mesmo porque um dos meus tios, Aron Scliar, participou... levaram uma ópera no Teatro São Pedro que era Shir Ha Shirim, “O Cântico dos Cânticos” (...) em 1919, mais ou menos*¹³, embora já tenhamos nos referido a espetáculos que teriam ocorrido antes desta época.

Documentada, temos uma apresentação teatral no ano de 1920 quando foi encenada em Porto Alegre pelo Grêmio Amadores da Juventude Israelita, “Der Ebiguer Id” (Ezra, o Judeu Perpétuo), de Joseph Latainer.

O *Club de Cultura*, por seus propósitos e realizações, deve ser mencionado e um dos fundadores assim se refere às atividades iniciais ali desenvolvidas:

Nos dedicamos a uma vida intelectual muito intensa, sobretudo em língua ídiche, graças ao Rothemberg que era, digamos assim, o nosso líder principal... na época, havia grupos de teatro, de literatura, um coral...¹⁴

Seus idealizadores recordam que, quando da inauguração, foram apresentadas peças de teatro em ídiche, uma delas por um grupo de Curitiba e a outra por um de Montevidéu. Os nomes dos atores, das peças, as temáticas, não nos foi possível recuperar até o momento.

A década de 50 é um marco no teatro ídiche amador porto-alegrense. Simon Buchalski permanece um período de tempo na capital gaúcha e ... *ele, fez, inclusive, aqui, uma espécie de escola, procurando que os jovens tomassem parte... jovens judeus... a gente tinha aula de dicção, de literatura em geral. A Escola Peretz Hirschbein funcionava junto à sinagoga do Centro Israelita. Buchalski também ensaiava o coro misto desta instituição...*¹⁵. Em múltiplos depoimentos daqueles que participaram do TI amador há referências a Buchalski; abaixo selecionamos um excerto que nos aclara aquele momento conjuntural da coletividade judaica e a qualidade de entendimento das razões que levaram o TI ao desaparecimento.

(...) Realmente o teatro ídiche em Porto Alegre foi muito rico (...) lástima que quase tudo tenha se perdido... não tenha se gravado na época... nos apresentávamos no Teatro São Pedro e a comunidade toda ia... essa a grande vantagem que nós tínhamos naquela época, que a comunidade era toda solidária... não tão dispersiva como ela é hoje (...) não sei se porque na época (...) recém tinha terminado a guerra, tinha vindo muita gente da Europa e os valores da literatura judaica, do teatro, eram muito... afluíam mais, interessavam muito mais... as pessoas ainda falavam o ídiche, mesmo eu, que era judia alemã, aprendi o ídiche na casa do senhor Kuperstein, do Begun... aquilo fazia parte da vida da gente... o pessoal que trabalhava, a maioria era do *Bund*... nós tínhamos coro no Centro Israelita, os ensaios de teatro eram realmente festa para todos nós. Pessoas de diversas idades... havia uma cultura muito... principalmente a cultura ídiche que hoje já não se levou adiante, infelizmente... e eu lamento muito que tenha acabado tão cedo... acho que devia ter continuado para que todos vocês soubessem o que é isso. Junta quantas pessoas hoje para falar sobre literatura ídiche, teatro ídiche, não tem muita gente... Participei do teatro ídiche de 51 até 53, 54... foram apresentações lindas, maravilhosas... Teatro São Pedro cheio, lotado... firmas de pessoas ídiche que financiavam... peças lindas... com conteúdo... atores de Porto Alegre...¹⁶

Devemos mencionar ainda, que a tradição de teatro em ídiche na coletividade judaica de Porto Alegre, igualmente manifestava-se nas festividades de final de ano no Colégio Israelita Brasileiro e os exemplos abaixo são cristalinos quanto à função educadora, no sentido da manutenção das tradições, da preocupação moral e ética, na preservação de uma cultura religiosa e social. José Ratinecas, aluno da escola na década de 30, relembra:

Tinha um palcozinho, sempre no fim do ano havia uma apresentação. Eu lembro uma sobre uma mãe que tinha seis ou sete filhos. A história queria promover os judeus a conservarem a sua fé a qualquer modo. Na peça, as crianças estavam sendo obrigadas a comer carne de porco e se recusaram, sendo mortas pelos dominadores. Elas preferiram morrer a comer carne de porco...! Também havia músicas, danças, eu devia ter oito, nove anos e nunca esqueci...¹⁷

Acrescentamos que a partir da terceira geração, observa-se uma diminuição quantitativa dos que se comunicam através da língua ídiche. Recolocamos que a instituição do hebraico como língua nacional do Estado judeu aumenta o interesse pelo seu aprendizado, principalmente pelos mais jovens, por sionistas e tantos outros membros desta coletividade que, inclusive passam a criar

clubes, como o *Moadon* (tratado em outra parte da pesquisa) ou mesmo grupos, a fim de adquirirem conhecimento nesta língua.

A imigração nos anos de 1930 de judeus da Alemanha e a de judeus egípcios nos anos de 1950 concorrerá com outras línguas, o alemão e o ladino, diversificando o panorama lingüístico desta coletividade. Finalmente, repisamos, a criação do de Israel, um estado que constrói seus símbolos e institucionaliza-se nacionalmente com o concurso de uma língua, exército nacional, torna o ídiche *uma outra* língua de identificação étnica, gradativamente em processo de desaparecimento com as novas gerações, reforçada com a crescente integração de judeus na sociedade maior.

As apresentações teatrais em língua ídiche a partir de 1960 foram mínimas mas não desapareceram por completo.

Já se foi o tempo da primeira e segunda geração de imigrantes que lembravam sua infância ou juventude européia, cantando: “Oy, Oy, Oy Belz, main shtetale Belz” (Oy, Oy, Oy Belz, minha cidadezinha Belz...), ou que as lágrimas de uma personagem-mãe misturavam-se com as dos espectadores ao ouvirem os lamentos de uma mãe distante. Enquanto aquelas choravam lembranças ainda vivas, a mãe-personagem recomendava ao filho que partia para seu *Fazer a América*: “A brivale der mamen” “Procura mandar uma carta a cada semana” pois “Zolst nit farzamen” “O coração de tua mãe reviverá”.

E, ainda hoje, algumas das antigas canções de que faziam parte do TI, são cantadas como, por exemplo, pelo conjunto musical da família *Rothemberg*, pelo grupo *Le Chaim*, pelos integrantes do coral *Viva a Vida* e mesmo por cantores individuais em festividades da coletividade. Porém a língua ídiche, de uma língua viva, instrumento de comunicação e de coesão comunitária cristalizou-se em uma manifestação representativa das antigas tradições do grupo étnico judaico no RS. Neste sentido, mesmo tornando-se desconhecida para a maioria das pessoas que compõem esta coletividade, não mais existindo os espetáculos teatrais que a expressava, ela ainda permanece como um traço identitário do passado.

NOTAS:

¹ Martha Pargendler Faermann. **A promessa cumprida**: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Metrópole, 1990.

Moysés Eizirik. **Imigrantes judeus** – relatos, crônicas e perfis. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

² Baronesa Clara ou Chalé, próxima a Quatro Irmãos, foi um dos núcleos no interior do RS onde instalaram-se imigrantes judeus, trazidos pela *Jewish Colonization Association* (ICA), no início do século XX (1904).

³ Contando atualmente com mais de quinhentos depoimentos de imigrantes judeus e de seus descendentes, o ICJMC preserva a memória desta coletividade no Rio Grande do Sul.

⁴ DAMASCENO. Athos. CARO, Herbert. CÉSAR, Guilhermino. MORITZ, Antônio. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Depto de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura.1975.

⁵ Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiro – NETB. Coleção *Correio do Povo*, 1940-60. Unisinos, Antiga Sede – São Leopoldo e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Coleção *Correio do Povo*, 1930, Porto Alegre.

⁶ Diários – 01 a 04, englobando os anos 1920 a 1970.

⁷ Pasta-arquivo com recortes de jornais e programas.

⁸ Depoimento de José Halpern, concedido a Ieda Gutfreind em 20/08/1998.

⁹ Henrique Scliar, ao historiar a trajetória do *Club de Cultura*, fundado em 1950, por judeus, enfatiza o desenvolvimento de “atividades intensas, inclusive com bom intercâmbio com Buenos Aires, na época a cidade mais avançada da América Latina” (*Correio do Povo*, 30/05/1979 – Acervo *Club de Cultura*). Considerando a época em que o Clube de Cultura foi fundado, devemos ressaltar que, nas décadas anteriores, a proximidade deveria ter sido bem maior.

¹⁰ Depoimento de José Halpern, 20/08/1998.

¹¹ Samuel Cuperstein recorda que, tendo chegado a Porto Alegre em 1932, já por voltas de 1934, 35, 36, “... quando chegava TI vinham só duas, três pessoas e aqui formavam um grupo para representar” Entre os nomes que lembra, cita os de Luíz Brochman e esposa, Swirski, Salomão Kalerztein e esposa, Schifman, Abrão Schijman, entre outros.

¹² Depoimento de Sofia Carnos. 14/08/98 a Ieda Gutfreind.

¹³ Depoimento do dr. Maurício Kotlar a Ieda Gutfreind em 26/08/1998

¹⁴ Henrique Scliar, *Correio do Povo*, 30/05/1979.

¹⁵ Depoimento de Margot Baumann Leventhal. 27/07/1998.

¹⁶ Depoimento de Margot Leventhal, 27/07/1998.

¹⁷ Depoimento de José Ratinecas, 14.08.1998. Esclarecemos que o depoente deve estar se referindo a “Chana e seus filhos”, peça clássica do TI.

BIBLIOGRAFIA

DAMASCENO, Athos. CARO, Herbert. CÉSAR, Guilhermino. MORITZ, Antônio. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Depto de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura. 1975.

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da Vida Judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. **Imigrantes Judeus: relatos, crônicas e perfis**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

FAERMANN, Martha Pargendler. **A Promessa Cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Metrópole, 1990.

GUINSBURG, Jacó. **As Aventuras de uma Língua Errante**, São Paulo, Perspectiva, 1996.

ACERVOS E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS:

Acervo Clube de Cultura. Pasta-arquivo com recortes de jornais e programas.

Diários do Teatro São Pedro – de número 01 a 04, englobando os anos 1920 a 1970

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Coleção *Correio do Povo*, 1930, Porto Alegre.

Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiro – NETB. Coleção *Correio do Povo*, 1940-60. UNISINOS. São Leopoldo

ENTREVISTAS CONCEDIDAS A IEDA GUTFREIND, REALIZADAS EM 1998.

Margot Baumann Leventhal. (27/07)

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

José Zylbersztejn (29/07)

Benjamin Strazas. (30/07)

Moysés Eizirik (31/07)

Davi Henrique Segal. (08/08)

Samuel Cuperstein (10/08)

Sofia Carnos (14/08)

José Ratinecas (14/08)

José Halpern (20/08)

Israel, Mauro, Marisa e Berta Rothemberg (20/08)

Abraão e Raquel Golendzimer. (24/08)

Maurício Kotlar (26/08)

Fani Zamel e Dina Epstein. (28/08)

***ENTREVISTAS DO DEPARTAMENTO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO CULTURAL
JUDAICO MARC CHAGALL – ICJMC.***

Entrevista n.106. Syncha Melon, 1987

Entrevista n. 294. Isaac Ajnhor.

Entrevista n. 305. David Pechansky, 1987.

Entrevista n. 363.1 Margot Baumann Leventhal.

PERIÓDICOS:

Correio do Povo, Porto Alegre, de 1950 à 1954